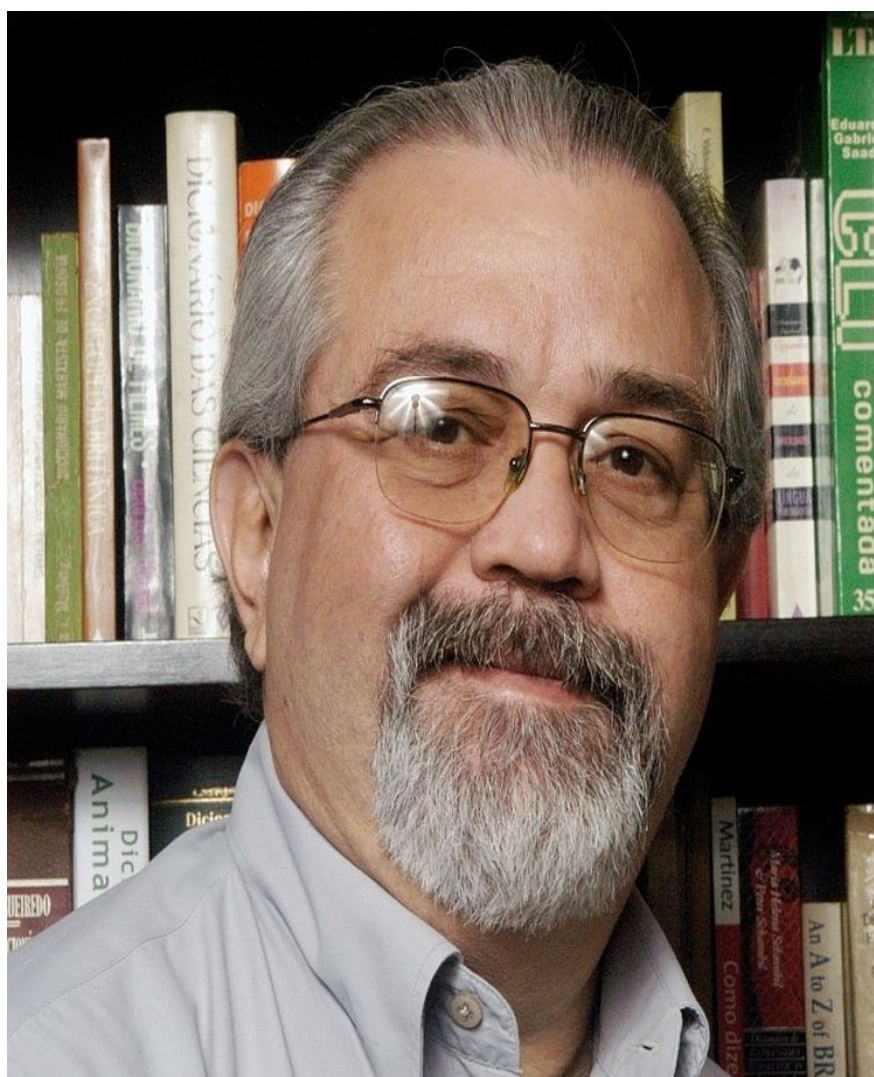


## Entrevista com Felipe Lindoso

*Joelma Santana Siqueira (Universidade Federal de Viçosa)  
Vivaldo Andrade dos Santos (Georgetown University)*



Felipe Lindoso é jornalista, tradutor, editor e consultor de políticas públicas para o livro e a leitura. Foi sócio da Editora Marco Zero, diretor da Câmara Brasileira do Livro e consultor do Centro Regional para o Livro na América Latina e Caribe – CERLALC, órgão da UNESCO. É autor do livro *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para a cultura, política para o livro* (2004) e responsável pelo blog “O Xis do Problema – políticas públicas para o livro e o mercado editorial” <[www.oxisdoproblema.com.br](http://www.oxisdoproblema.com.br)> e por uma coluna do portal “PublishNews”, voltado para notícias e informações sobre a indústria do livro <[www.publishnews.com.br](http://www.publishnews.com.br)>.

**1. Prezado Felipe Lindoso, muito obrigada por nos conceder essa entrevista. Vamos começar pedindo que comente sobre como foi seu percurso de trabalho com o livro até chegar ao blog “O Xis do Problema – políticas públicas para o livro e o mercado editorial”.**

Começou com a pergunta que nos fizemos (eu, a Maria José Silveira e o Márcio Souza) quando éramos sócios da Marco Zero: Por que os livros ótimos que publicamos não vendem o suficiente? Como fazer que as massas comam o biscoito fino que produzimos”. Para tentar responder isso, cheguei até aqui.

**2. No texto “As dificuldades de internacionalização da literatura brasileira”, publicado no “Xis do Problema”, entre outros aspectos, você discutiu a posição da literatura brasileira na República Mundial das Letras e a ausência de políticas públicas consistentes de apoio à tradução e difusão dos escritores brasileiros. Algo a acrescentar ou reforçar, tendo em vista que o texto foi publicado em 2017 e que, de lá pra cá, as coisas só pioraram?**

Por sorte o programa de apoio à tradução da BN não foi liquidado, embora contem com verbas mínimas. Mas há uma evidente desconexão do pouco que é feito (programa de bolsas), com quaisquer outras atividades governamentais ou não governamentais de promoção

dos autores brasileiros no exterior. A revista “Machado de Assis Magazine”, que publicava excertos de traduções de autores brasileiros foi descontinuada. O Itaú Cultural deixou de financiar e nenhuma outra instituição se interessou, apesar de ser um investimento relativamente baixo para a importância da iniciativa. A representação do Brasil na UNESCO votou pelo encerramento de um projeto de quase 90 anos, o *Indez Translationarum*, que compilava informação sobre a publicação de traduções junto às bibliotecas nacionais de todos os países membros da UNESCO. E por aí vai.

### **3. Você poderia nos falar um pouco sobre a curadoria do projeto “Conexões Itaú Cultural – Mapeamento Internacional da Literatura Brasileira”?**

O projeto nasceu de uma pergunta do professor João Cezar de Castro Rocha feita ao Claudiney Ferreira, do Itaú Cultural: “Onde estão essas pessoas que estudam literatura brasileira no exterior?” Eu me integrei no projeto desde o começo, mas não estou mais vinculado a ele.

### **4. Como os editores contribuem para a internacionalização da literatura brasileira?**

Como disse no artigo, a internacionalização da literatura brasileira é uma preocupação marginal para os editores, que eventualmente só ganham prestígio se um de seus editados for traduzido e publicado no exterior. Eventualmente usam seu prestígio e conexões para promover alguns de seus autores preferidos. Os estudiosos de literatura brasileira no exterior, alguns tradutores e agentes literários são os que fazem o que podem.

**5. No Brasil, quem está interessado na literatura brasileira e, mais especificamente, em sua internacionalização?**

Só os autores e os agentes literários, que fazem o que pode nesse cenário. O Ministério da Cultura foi extinto, a direção da BN está nas mãos de uma pessoa irrelevante, o Itamaraty dirigido por lunáticos terraplanistas que fecham com tudo que os EUA dizem e é capaz de logo pedirem para sair da UNESCO. O deserto do cócito, o rio de gelo eterno do último círculo do Inferno de Dante é o cenário que vivemos hoje no que diz respeito a políticas de livro e leitura no Brasil (e infelizmente não apenas em relação a isso).